

A ambivalência bestial nos livros infantis: a educação em ciências a partir da representação dos animais^{1,2}

Paula ARAÚJO³

Tatiana SILVA⁴

Luis Paulo PIASSI⁵

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Neste trabalho buscamos discutir a representação das personagens animais presentes nos livros infantis, a partir das ideias de ambivalência bestial propostas pelo autor Paul Wells e da teoria semiótica Greimasiana, bem como a possibilidade de inserção dessas obras como ferramenta para abordar conceitos relacionados à educação em ciências. Considerando o livro infantil como um produto da Indústria Cultural - dado o seu processo de produção, circulação e consumo - sua análise se faz necessária pois este é um artefato que envolve tanto o lazer quanto a educação.

Palavras-chave: livro infantil, Indústria Cultural, Educação em ciências.

Introdução

As obras de literatura infantil ao mesmo tempo em que correspondem a expressão do próprio autor, enquanto ser social, estão traçadas sob a perspectiva do conceito de infância, acerca da construção do papel da criança na sociedade. Dentro da consideração do livro infantil como produto cultural de lazer e educação, corresponde a observação da forma como é produzida, como é veiculada e em quais contextos é lida. Por estar, nestas faces, incluída como parte do processo de formação da criança, passamos, portanto, a visualizar o livro como produto de consumo da Indústria Cultural. O conceito de Indústria Cultural proposto pelos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer discute a inserção da mercadologização para qualquer conteúdo artístico ou cultural. Para estes autores tal processo descaracteriza a especificidade e omite a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Financiamento: CNPq, Capes, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

³ Mestranda do Curso de Estudos Culturais da EACH-USP, email: paula.araujo@usp.br.

⁴ Mestranda do Curso de Educação da FE-USP, email: tatianasilva@usp.br

⁵ Orientador do trabalho. Professor da EACH-USP e do Programa de Pós graduação da FE-USP, email: lppiassi@usp.br

dimensão crítica do objeto como arte (Freitag, 1989). Para Barbara Freitag em seu livro *Política Educacional e Indústria Cultural*, os bens culturais e educacionais também funcionam como agentes sensibilizadores de toda a população para a importância da educação, além de atuar como próprio instrumento da educação, essencialmente quando se considera seus processos de produção, circulação e consumo, portanto, considerado “produto” da indústria cultural.

A literatura infantil é um objeto utilizado com frequência na sala de aula das séries iniciais, principalmente como ferramenta de alfabetização. As histórias infantis, desde os contos orais e as fábulas de Esopo, têm papel fortemente ligado à educação, seja escolar ou moral. O gênero narrativo no qual se encaixa essas fábulas apresenta caráter moral, as situações envolvidas pelas personagens sempre transmitem aspectos de cunho educacional, sendo as características humanas atribuídas aos animais que compõem a história, utilizadas como representação do próprio humano e direcionadas ao público adulto. Desde as fábulas de Esopo de La Fontaine é comum que os personagens representados sejam animais, a partir de então sua presença se tornou frequente na maioria das histórias infantis, tanto como personagens principais como outros secundários que compõem a história. Luthi (1976 apud Russell, 2008) aponta os contos com animais como um dos mais antigos da história literária. Ele explica que a relação de caça e ao mesmo tempo de medo dos povos primitivos com os animais selvagens é fator influenciador nos papéis desempenhados pelos animais nas primeiras histórias.

Dentro dessas considerações, os livros de literatura infantil, embora sejam objetos permeado de fantasia e apresentem elementos lúdicos, trazem perspectivas para a construção de pontos de vistas sobre características dos animais reais. Paul Wells em sua obra “*The animated bestiary: animals, cartoons and culture*” faz uma análise sobre a maneira como os animais são representados nos diferentes meios artísticos. A partir da perspectiva de diversos estudiosos o autor sugere que a representação na mídia dos animais apresenta a forma como a humanidade trata e usa esses animais, considerando-os a partir de sua relação com os humanos e determinando os animais como predadores, presas, pragas, parceiros ou animais de estimação, por exemplo.

Partindo da consideração do livro infantil como instrumento de formação escolar e não escolar presente no universo infantil, destacamos aqui a observação da representação dos animais no livro infantil como objeto da Indústria cultural permeado por uma representação dos personagens

animais presentes nas histórias. Uma vez que o animal apresentado em uma narrativa infantil é representado de forma antropomorfizada nos contextos citados, suas características podem apresentar distorções passíveis de discussão e análise antes e durante sua utilização. Neste caso, buscamos discutir a representação dada em sua compreensão para os conceitos científicos dos animais, bem como sua repercussão na educação em ciências.

Animais antropomorfizados nos livros infantis

Como mencionado anteriormente a literatura infantil traz com frequência em suas narrativas, animais como personagens. Em pesquisa realizada pela professora e pesquisadora em literatura infantil Teresa Colomer em seu livro *A formação do Leitor Literário* (2003), a maioria dos livros infantis a disposição das crianças apresentam animais como personagens principais das histórias ou personagens animais se relacionando com personagens humanos. Em geral, estes animais aparecem nas histórias de forma antropomorfizada, ou seja, apresentam aspectos, características e comportamentos humanos em diferentes medidas.

Wells (2009) discute sob a perspectiva de diversos autores como o conceito de antropomorfismo trabalha dentro dos parâmetros gerais da animação. Nesta discussão são destacadas duas principais vertentes, a de que a antropomorfização se trata de projetar sentimentos humanos nas experiências que temos com os animais e de que usamos os animais antropomorfizados como uma ficção conveniente e padronizada para lidar com a incerteza do desconhecido. Para Wells (2009), o antropomorfismo pode ser visto, nas mídias de forma geral, como instrumento pelo qual uma variedade de discursos são simultaneamente direcionados para a interpretação do animal e não necessariamente o considerando como desconhecido. Essa interpretação é construída para cada animal a partir de sua relação com o humano numa ordem natural e cultural que relativiza e racionaliza o relacionamento e ao mesmo tempo carrega o discurso ideológico e social que caracterizam o objeto no qual o animal está sendo representado.

A abordagem do livro infantil traz conteúdos implícitos, sobretudo de ciências, e podem provocar a compreensão sobre os fenômenos da natureza exibidos, particularmente quando apresentam animais como personagens na história, de forma direta ou indireta. Para a pesquisadora Luana Von Linsingen (2008) em sua dissertação de mestrado sobre a *Literatura Infantil no Ensino de*

Ciências, as características da literatura infantil a levam para o universo instrumental da educação, por isso, quando utilizado em sala de aula sob a mediação do professor, alcança plasticidade pedagógica permitindo a utilização em qualquer área do ensino.

Uma possibilidade de abordagem dos livros infantis com a educação em ciências é referente as relações de gênero, um dos eixos fundamentais do tema transversal denominado orientação sexual, proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais definem que o ensino de ciências deve ser pensado a partir da realidade cotidiana do aluno. Segundo Wells (2009), é comum animações em que a noção de sexualidade ou gênero é reforçada por uma noção implícita de animalidade, definindo que o sexo e sexualidade são práticas intuitivas, desconsiderando particularidades tanto dos animais quanto questões socioculturais, principalmente as tensões entre a cultura animal e os parâmetros de mudança de sexual desejo e status pessoal. Também se referindo as questões de gênero, o autor Sandler (1998, apud Wells, 2009), argumenta que o antropomorfismo contribui para o estabelecimento de regras para os corpos, uma vez que as características utilizadas reiteram o esquema como um fato, demonstrando imitar o real. Nesse contexto, compreendemos que os conteúdos de ciências podem ser utilizados como uma base para a discussão e problematização de determinados aspectos apresentados nos livros, buscando ampliar a compreensão de discursos que tendem a padronizar comportamentos, tanto animais quanto humanos, limitando o aprendizado dos leitores.

Visualizamos aqui o livro como ferramenta de ensino nas séries iniciais considerando a leitura para além de uma recepção passiva, como proposto por diversos autores (FARIA, 2004; FREIRE, 1988; MARTINS, 2005). Nesse sentido, articular a educação em ciências trata-se de propor a reflexão da área de ensino em união às possíveis temáticas implícitas em uma história infantil, além de contribuir no processo de letramento e de formação do hábito da leitura, portanto significa abrir possibilidades para considerar a alfabetização científica instrumentalizada para a leitura crítica do mundo em sociedade.

Metodologia

Para abordar as considerações realizadas a partir da obra de Paul Wells sobre os animais representados na mídia, utilizamos como objeto de análise dois livros infantis cujas histórias são

contadas através da linguagem visual e escrita. Essa característica pode ser observada em grande parte dos livros infantis, disponíveis em escolas públicas, e é uma importante estratégia para crianças que estão em fase de alfabetização. Segundo Coelho (2000) esse tipo de história contribui para que a criança possa aprender a nomear seres e coisas que a cercam, unindo tanto o mundo real quanto o mundo da linguagem.

Em ambas narrativas são apresentadas uma galinha como personagem principal: “Enquanto mamãe galinha não estava” de Han Byeong Ho, Yu Yeong So e “O passeio de Rosinha” de Pat Hutchins. O livro “Enquanto mamãe galinha não estava” narra a história do perigo que os ovos passam ao ficarem sem a presença da galinha por um determinado momento. Enquanto a mamãe galinha precisa se ausentar do ninho, outros personagens aparecem para ajudar e acabam colocando em risco os ovos ao mesmo tempo que um lobo tenta pegá-los durante todos os acontecimentos da narrativa. O livro “O passeio de Rosinha” conta a história de uma galinha que sai para um passeio pela fazenda. A narrativa descreve todos os lugares que a galinha passa durante a caminhada, enquanto que as imagens ilustram ao mesmo tempo uma raposa que tenta pegá-la e sempre se dá mal. Rosinha chega ao fim de seu passeio sem perceber que a raposa a seguia.

Ao observarmos comportamentos e descrições de personagens na narrativa podemos considerar que o conceito de ambivalência bestial proposto por Wells (2009), como uma oposição entre natureza e cultura, está presente nas diversas formas de linguagem das obras analisadas. O esquema apresentado abaixo (Fig.1), desenvolvido pelo autor, representa um modo de organizar os quatro estágios fundamentais de observação, para verificação do conceito de ambivalência presente nos textos animados. Segundo Wells, estes não podem ser considerados como conceitos estáticos e fixos mas sim como um conjunto de oscilações complementares, que podem contribuir para compreender os significados da representação do animais (WELLS, 2009, p. 51).

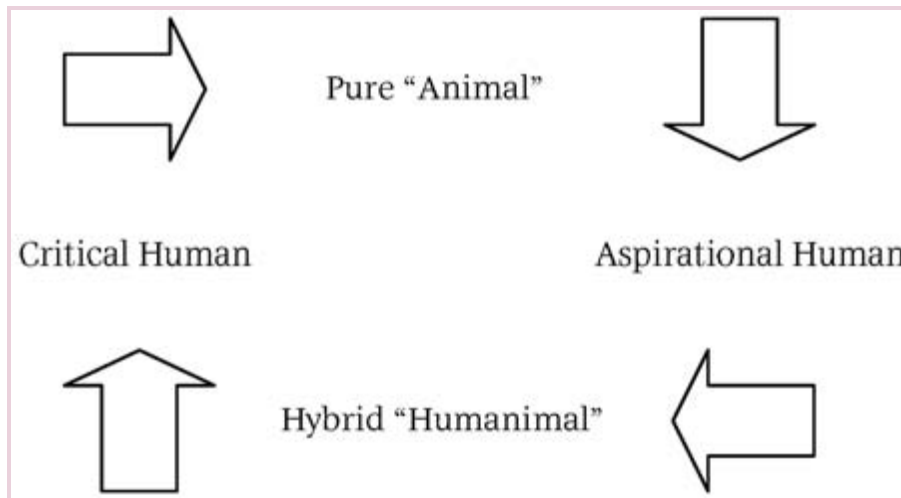


Figura 1. Categorias de representação dos animais proposto por Paul Wells.

O estágio “pure animal” se refere ao comportamento real do animal, ou também do “animal puro”, como características físicas, psicológicas e cognitivas, ou seja, quando as características ressaltadas do animal são naturais. Já o “aspirational human” compreende as características positivas e heróicas dos seres humanos destacadas no personagem animal, que por sua vez se contrapõe ao estágio “critical human” que seriam as críticas voltadas à humanidade. Nesse contexto o estágio híbrido “Humanimal” se refere aos conceitos evoluídos, utilizados para explicar tanto o mundo do animal quanto do humano. Um exemplo de análise apresentado pelo autor se refere ao comportamento de um tigre, retirado do livro “O livro da Selva”, o qual no primeiro estágio pode ser observado a briga por comida e território (“pure animal”); suas qualidades destacadas são o poder de controle e dignidade, as quais são comparadas aos humanos (“aspirational human”); porém há uma contraposição na ação do tigre, pois sua atitude demonstra uma imposição de poder da humanidade sobre a ordem natural (“critical human”); e por fim, em um nível metafórico e simbólico, compreende-se que este poder do tigre representa tanto a soberania de uma dada cultura de elite, quanto a relação de poder que este exerce sobre outros animais na natureza (“hybrid humanimal”).

Com o objetivo de tornar ainda mais evidente o discurso cultural presente nas diversas obras midiáticas, Wells (2009) defende que o estudo dessas animações é significativo uma vez que por meio destes animais animados é possível descrever facilmente aspectos subjetivos como, a memória, o estado psicológico e emocional, a fantasia, etc, invocando a presença de pensamentos e preocupações conceituais e filosóficas. Diante disso, Strauss (2007, apud Wells

2009) sugere que “Os animais são bons para pensar” (tradução nossa), pois fornecem modelos de ideias e escolhas estéticas e socioculturais determinadas historicamente.

Para melhor exemplificar tais modelos de ideias que alguns animais representam, Wells utiliza-se de uma lista de categorias definida por Boria Sax, chamada de “animais como tradição”, a qual demonstra como o respeito e a preservação dos animais dependem da relação tradicionalmente estabelecida com a humanidade. De forma geral, essas são as cinco principais categorias, relacionando os animais ao conceito de: a) divinos: são aqueles cujo valor principal é o comercial, seja como forma de alimento, caça, esporte, entre outros; b) demonizados: representam os traços físicos ou psicológicos da figura do opressor, geralmente estão em busca da sua presa, tornando ainda mais sutil tal percepção, uma vez que essa é uma relação natural entre presa-predador; c) satírico: demonstração clara dos limites da humanidade, comparando algumas características naturais dos animais em relação a conquistas culturais dos humanos, como por exemplo a capacidade de voar; d) político: carregam mensagens pertinentes a um ideal político ou representando uma nação, alguns animais chegam até a se tornar como símbolo nacionais, como é o caso do personagem norte-americano: Mickey Mouse; e) metamorfoseado: tentativa do humano de explicar aquilo que não conhece do mundo animal, partindo daquilo que ele entende ou procura compreender. De forma complementar ao quadro de análise proposto por Wells, e as categorias de tradição dos animais, citados acima, tomaremos também como base de análise o quadro semiótico proposto por J. Greimas, o qual permite evidenciar as oposições presentes nas obras escolhidas, buscando articular os conceitos aqui apresentados.

Análise

Consideramos que todo animal representado em uma história infantil é apresentado em algum nível de antropomorfização. Para Wells (2009), o animal animado em um filme ou desenho é definido a partir da consideração de um paradigma simbólico como objeto dentro de uma ambivalência bestial. Para o autor essa ambivalência bestial se caracteriza por um fluxo de acomodações entre pólos extremos construídos pela oposição entre animal vs. humano e natureza vs. cultura, delimitados pelas relações dos animais com o humano de forma direta e indireta. Ainda em suas considerações, alguns aspectos da narrativa animal são marcados por uma chave temática a partir dessa divisão animal/humano e natureza/cultura, abordada sob diferentes perspectivas.

Embora essa divisão apresente pólos opostos, quando consideramos a representação dos animais presentes em narrativas infantis, estes podem ser interpretados considerando-os como uma passagem de um estado a outro por meio de um processo de transição e não apenas cada um dos sentidos individualmente. Para analisar esta transição utilizamos o quadro semiótico proposto por A. J. Greimas (Fig. 2).



Fig. 2. Quadro semiótico: oposição de sentidos.

Em um primeiro nível observamos a oposição natureza e cultura e a oposição animal e humano em contradição, contrariedade e complementação nos personagens principais das duas histórias. Em um segundo nível, notamos que estas oposições tratadas no quadro semiótico remetem a representação dos personagens galinhas em crítica ao humano, atribuindo valores e definindo comportamentos, ao mesmo tempo que aparece como modelo vinculado ao caráter biológico e que remete à compreensão de conceitos científicos do próprio animal como ser vivo. Observamos que em geral, a personagem galinha normalmente representa a mulher, dona de casa, sempre cuidando do ninho (“lar”), dos ovos ou dos pintinhos, ou seja, é uma figura protegida pelas circunstâncias, pois, diante dessa configuração nada lhe acontece de ruim, logo, todas as suas ações dão certo. Contudo, transmite uma visão romantizada deste animal. Os livros infantis raramente tratam de sua importância comercial, como objeto de utilidade alimentícia, tanto pela carne quanto pelos ovos, além disso, é omitido seu comportamento natural de animal real, sendo dada maior relevância a esse aspecto representativo de um animal ingênuo. Observa-se que diante destas particularidades da personagem galinha convivendo no galinheiro naturalmente, a representação da galinha como um produto de consumo humano é mascarada e apresentada de forma romantizada, como natural, enquanto, o animal como alimento numa relação de presa-predador é evidenciada e apresentada como um comportamento nocivo, com viés moralizante.

Conforme explica Fudge (2004), a relação do humano com o animal vem sendo criada naturalmente por uma relação de superioridade do homem em detrimento do animal, em que tal relação foi criada pela condição do homem considerado como oposto ao animal. Nesta mesma perspectiva a pesquisadora Ferreira (2005) discute que o animal é usado na literatura para representar alguma condição de inferioridade e ainda quando o humano já se apresenta em condição de inferioridade este é representado somente como animal em seu estado biológico e não mais como humano. Para esta autora a condição de inferioridade foi construída historicamente a partir da crescente mudança de comportamento do homem com a natureza acarretando em certa medida, uma ruptura entre ambos.

Na história “Enquanto a mamãe galinha não estava” a personagem galinha apresenta um estado de natureza quando aparece em situação semelhante ao biológico dentro do comportamento real do animal. Identificamos como situação explícita da condição natural a cena no início da história enquanto a galinha choca os ovos em seu ninho. Em oposição a essa condição, a personagem galinha aparece na história localizada em uma situação de negação da sua natureza, no momento da narrativa em que a personagem se cansa de permanecer no ninho e se ausenta para um passeio, atribuindo de forma indireta a responsabilidade do cuidado ao restante dos personagens, principalmente o “papai galo”.

Utilizando-se do quadro de análise proposto por Wells para analisar a representação da personagem galinha, presente nos dois livros, podemos considerar os seguintes aspectos: para a categoria de “pure animal” notamos que, em ambos os livros, a galinha está em uma fazenda e apresenta comportamento natural, como a tarefa de chocar os ovos e andar pelo galinheiro; na categoria “aspirational human” observamos que a galinha, enquanto representação de uma personagem feminina, representa os comportamentos socialmente estabelecidos de uma mulher, no qual irá desempenhar “naturalmente” seu extinto materno de cuidar dos filhotes ou dos ovos, como visto em um dos livros, a galinha também irá passear tranquilamente sem perceber os riscos que corre, transmitindo uma visão romantizada da figura feminina; na “critical human” observa-se que em ambas narrativas a personagem corre um risco dada a sua característica ingênua, demonstrando uma certa fragilidade diante dos demais acontecimentos; e finalmente, na categoria de “hybrid humanimal” percebemos na transição do comportamento da galinha, entre ser biológico e ser metafórico, uma tentativa de aproximação entre o comportamento natural da

galinha de chocar os ovos e o cuidado que as mães possuem com seus filhos, nesse sentido quando associamos a figura da galinha com o papel materno.



Fig. 3. Livros “Enquanto a mamãe galinha não estava” e “O Passeio de Rosinha”

Com base nas categorias de tradição definidas anteriormente, podemos concluir que a personagem se enquadra no conceito de animal divino, uma vez que a galinha tem um valor comercial, embora isto não seja abordado em nenhuma das narrativas analisadas.

Considerações finais

A partir da análise inicial de alguns personagens animais das histórias infantis, observamos que o livro como objeto cultural, transita o espaço entre as condições de produção e consumo gerados pela indústria cultural e entre a ruptura do estado gerado por elas. Por estar presente na infância em situações de aprendizagem, compreender tal transição de condições que o livro está imerso faz com que o papel da escola e do professor seja o de atuar na mediação destes espaços por meio da empregabilidade que se faz da literatura infantil, tanto para a alfabetização quanto para a educação em ciências, como propomos neste trabalho, ou outras áreas do conhecimento, considerando seu uso na sala de aula e sua difusão para fora da escola.

A implicação educacional, particularmente quanto ao ensino de ciências, surge em evidência nos conteúdos conceituais sobre animais e suas relações com o meio. Quando eles aparecem com características ou comportamentos humanos podem diferir da percepção real do animal e/ou distorcer tais conteúdos. Não se trata, porém, de evitar o uso do livro infantil no espaço escolar, pelo contrário, o que discutimos é a reflexão que deve vir durante o desenvolvimento do ensino e aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental a partir da concepção do livro e suas

utilizações. Percebemos que observar o livro infantil sob a perspectiva da indústria cultural em relação à análise dos personagens pode contribuir para a prática docente desencadeando processos no ensino e aprendizagem que possibilitem as articulações propostas e levem a possibilidade do professor refletir durante o processo as condições trazidas pelo livro como bem cultural considerando o espaço social no qual tanto ele quanto os alunos estão inseridos.

Referências bibliográficas

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

FARIA, M.A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, E. Metáfora animal: representação do outro na literatura. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº 26. Brasília, 2005, p.119-135.

FREITAG, B. **Política educacional e indústria cultural**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FUDGE, E. **Animal**. Chicago: Reaktion Books, 2004.

HUTCHINS, P. **O passeio de Rosinha**. São Paulo: Global, 2005.

LINSINGEN, L. V. **Literatura infantil no ensino de ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros**. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 2005



RUSSELL, D. L. **Literature for Children: A short introduction.** 6^a ed. Allyn & Bacon, 2008.

WELLS, P. **The Animated Bestiary Animals: Animals, Cartoons and Culture.** Rutgers University, 2009.

YEONG-SO, Y.; BYEONG-HO, H. **Enquanto a mamãe galinha não estava.** São Paulo: Callis, 2006.